www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 23. Ciganos em uma perspectiva antropológica

Coordenador(es):
Mirian Alves de Souza (UFF - Universidade Federal Fluminense)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1
Debatedor/a: Mercia Rejane Rangel Batista (UFCG - Universidade Federal de Campina Grande)

Sessão 2
Debatedor/a: Felipe Berocan Veiga (UFF - Universidade Federal Fluminense)

A reflexão sobre o tema dos ciganos tem congregado pesquisadores envolvidos com os grupos ciganos no Brasil e exterior. Iniciamos discussões no âmbito local e mantivemos a temática na forma de GTs, nas Reuniões de Antropólogos do Norte-Nordeste, nas Reuniões Brasileiras de Antropologia e no Congresso Mundial da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences. Deste modo, objetivamos dar continuidade aos debates, e ao mesmo tempo discutir a produção etnográfica sobre grupos ciganos. Analisando os processos de construções identitárias; propondo uma reflexão sobre a (in)visibilidade desses sujeitos em diferentes cenários políticos; problematizando como os projetos políticos das organizações ciganas são moldados por diversas imaginações étnicas e nacionalistas; e indagando o papel da produção antropológica na mediação entre os sujeitos estudados e as esferas públicas, o GT pretende fomentar um campo de interlocução em uma perspectiva antropológica e etnográfica, especialmente no Brasil. Para esta edição, as coordenadoras e debatedores propõem apresentar um balanço do campo de estudos nos últimos anos, focalizando a produção acadêmica que passou pelas edições do GT, e que foram elaboradas em diálogo e no âmbito de diferentes programas de pós-graduação na área de antropologia e das ciências sociais, núcleos de pesquisa, laboratório e redes científicas, associações ciganas, organizações não governamentais, e diferentes esferas do estado e da sociedade.

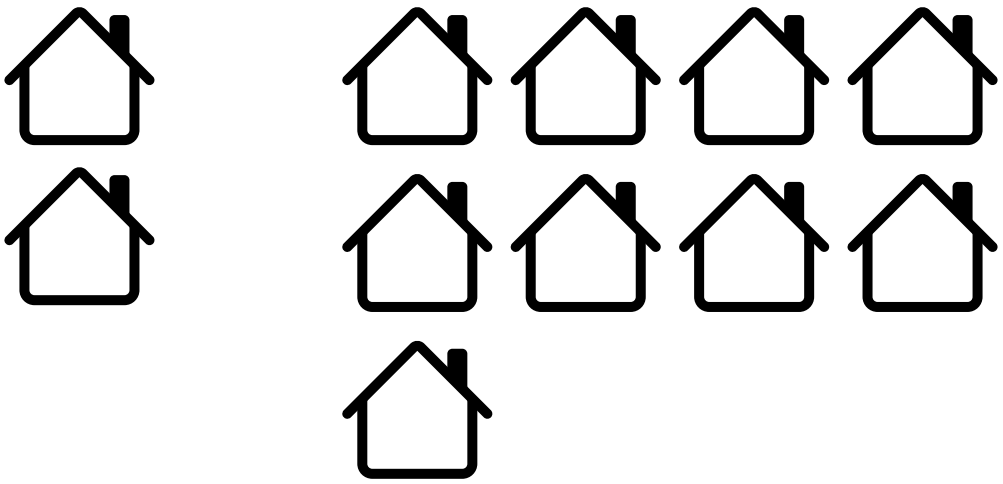
Entre representações e realidades: Como Umbanda se apropria da Identidade Cigana nos cultos a Santa Sara Kali

Autoria: Débora Soares Karpowicz (UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci)

Opatchá! Arribá! É, com certeza, o marcador linguístico de reverência mais conhecido e mais comum do povo cigano na linha de Umbanda. Saudação utilizada tanto nos terreiros de Umbanda, quanto entre os devotos de Santa Sara Kali. No entanto, pouco ou nada sabe-se dessa relação cultural e religiosa dos ciganos com a Umbanda. Neste sentido, o presente work explora o modo como a Umbanda se apropria dos referenciais culturais e étnicos da cultura cigana. Para este fim, busca-se através da observação e análise etnográfica das representações, cultos e festejos a Santa Sara Kali, mapear o modo como as deidades relacionadas a linha dos ciganos na Umbanda são reinventadas a partir da cultura cigana. Ao realizar-se um comparativo historiográfico dessas representações e estereótipos percebe-se que há no interior do campo religioso da Umbanda um confronto destas representações religiosas. Ademais, no presente work busca-se colocar em evidência o modo como essas múltiplas identidades são cotejadas e se fazem presentes na chamada linha de ?Umbanda Cigana?. Ser cigano é ser livre, e ser livre é poder optar por qualquer religião. Contudo, apesar desta constatação, o presente estudo aponta que existe uma distinção entre o ?ser cigano? e o ?cigano? retratado pela linha de umbanda, a qual cultua a figura destes grupos, sem, no entanto, ambos se reconhecerem em suas essências.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**